

Prefácio

O problema da inovação pedagógica coloca-se, hoje, mais do que nunca, em virtude da tendência à universalização do ensino básico para todos e dos desejáveis progressos do projecto da educação permanente, com o conseqüente advento de uma Sociedade Educativa.

Numa obra publicada, ainda na década de 70, indicava eu os vectores, segundo os quais, deveria desenvolver-se a educação, concebida na perspectiva da educação permanente. Era, então, o momento de grande entusiasmo pelo projecto. Com o tempo, porém, este parece ter-se esbatido, por saírem defraudadas muitas das expectativas, justificada ou injustificadamente formadas.

É que, frequentemente, se esqueceu a radicalidade do projecto, isto é, que a educação permanente implicava mudanças profundas, a todos os níveis da sociedade. Ora, se as mudanças sectoriais são difíceis de desencadear, são-no também, com maioria de razão, as mudanças globais. Isto não quer significar que seja impossível mudar as partes, sem mudar o todo, nem que as partes tenham influência nula ou irrelevante na mudança do todo. Uma perspectiva sistémica, pelo contrário, leva a considerar as interacções entre as partes e o todo, mas também sugere que é mais fácil a mudança no sistema, se ela se verificar, globalmente, em todas as suas partes. Tal é, se bem o entendo, o projecto da educação permanente — um projecto de mudança global (no domínio político, económico, social, cultural, nacional e internacional), tendo como objectivo a educação de todos os seres humanos, e de maneira total, como diria Comênio.

Olhado, por estes diversos ângulos, e considerando o saldo das mudanças preconizadas — sociais, políticas, culturais, etc. — compreende-se que, para muitos, o projecto da educação permanente seja, até, decepcionante. Mas, se se tiver em conta que mudanças — e tão profundas — têm sempre profundas resistências, talvez haja lugar para algum optimismo. Quanto mais não seja, a educação permanente perfila-se, ainda, como a grande utopia do nosso tempo que, para utilizar os termos de Paulo Freire, tem a função de denunciar a situação presente e de anunciar um futuro mais desejável. Seja como for, o princípio da dimensão permanente da educação está, universalmente, adquirido, constituindo o artigo de fé básico da generalidade dos sistemas educativos. Há, agora, que tirar dele as necessárias conseqüências.

É o que pretende, com este trabalho, a Doutora Ana Paula Cardoso, que aborda o problema da receptividade dos professores à inovação, encarada na perspectiva da educação permanente. Depois de analisar a evolução dos sistemas educativos, a seguir à II Guerra Mundial, e tendo concluído que virá a impor-se o modelo da educação orientado para a inovação, a autora deste trabalho procura clarificar a complexa terminologia associada à abordagem do fenómeno. Prossegue, sublinhando que qualquer que seja o futuro da educação, parece claro que o professor será sempre o elemento-chave do processo de inovação. Esta, com efeito, não pode ser imposta por decreto, nem realizada sem, e muito menos, contra os professores, mas só com eles e através deles. Daqui, o interesse da problemática da resistência dos professores à mudança, cuja abordagem coroa a primeira parte desta obra.

A segunda é preenchida por uma investigação empírica, de natureza quantitativa, sobre a receptividade dos professores à inovação pedagógica. De salientar que este fenómeno é, correctamente perspectivado, como o resultado da influência de factores de personalidade, como ainda da cultura organizacional da escola e, até, do contexto sociocultural mais amplo. Deste modo, fazem parte da análise variáveis sociodemográficas e socioculturais, que foram operacionalizadas, na sequência da adaptação, para a nossa língua de vários instrumentos psicométricos estrangeiros. E este — seja dito de passagem — é um dos grandes méritos deste trabalho: o estudo de vários testes com assinalável relevância para a investigação.

Os resultados apontam para a eficácia preditiva dos referidos tipos de variáveis, com destaque para os factores de personalidade. À primeira vista, trata-se de mais um resultado curioso, a confirmar outros já conhecidos. Mas a autora tira, daí, implicações práticas de grande alcance, no que concerne ao processo de recrutamento dos docentes. Situando-se, aliás, na linha de preocupações da UNESCO, preconiza-se que a selecção dos candidatos à docência se não baseie apenas no seu currículo escolar, mas na avaliação explícita e rigorosa de características, tais como as que mais relacionadas se mostram com a receptividade à inovação pedagógica. Seria esta, sem dúvida, uma medida inovadora, susceptível de atrair para a docência os jovens mais competentes e de afastar os menos vocacionados para uma profissão, que exige abertura de espírito e motivação intrínseca.

Outra conclusão a reter diz respeito à formação continuada — um dos factores mais influentes na receptividade à inovação. É evidente que pode colocar-se o problema de saber se os professores procuram a formação continuada, porque são receptivos à mudança, ou se são receptivos à mudança, porque procuram a formação continuada. Pode ainda acontecer — hipótese não menos verosímil — que a influência seja recíproca: a receptividade à mudança leva à procura de formação e esta, por sua vez, conduz à receptividade à inovação. Não foi intenção da autora responder a esta questão, que poderia, aliás, constituir um tema curioso de investigação. Baste-nos registar a relação, e relevar o alcance prático de a receptividade à inovação se mostrar associada à formação continuada.

O que precede pretende ser apenas uma amostra de pontos de interesse abordados nesta obra. Julgue o leitor, por si próprio, do valor da mesma. Pela minha parte, penso que ela é tão rica que merece bem uma leitura atenta por parte dos estudiosos e práticos da educação e, em particular, pelos que se dedicam ao estudo da problemática da inovação.

Para finalizar, que me seja ainda permitido dirigir à autora deste livro as minhas felicitações mais cordiais e exprimir a minha satisfação por ver coroados os esforços de muitos anos, em que trabalhámos em conjunto.

Coimbra, Outubro de 2002

António Simões